
ACADEMIA BRAZILEIRA

RECEPÇÃO DO SR. JOÃO RIBEIRO

DISCURSO DO SR. JOÃO RIBEIRO

Senhores.

Eu não poderia começar sem que as minhas primeiras palavras fossem para vós. A grande distincção que acabaes de dar-me recebendo-me na vossa companhia alterou-me por assim dizer as forças mesmas do meu espirito. Ennobrecido e exaltado por ella, sinto que se apagou de mim o pessimismo — aquella parte furtiva da alma, que é a substancia dolorosa e cobarde do nosso ser, aquella que nos grandes momentos de humilhação se entre-mostra em desesperos inertes e em estereis renunciias e se reabsorve afinal na indifferença irremediavel. Ao mesmo tempo sinto que ella edificou e deu relevo a tudo quanto meu espirito possuia de forte e varonil e concentrou numa só convergencia as minhas esperanças, as es-

peranças maiores que de tempo immemore venho laboriosamente preparando, acreditando sem fé numa vida superior.

Creastes-me assim essa doce superstição que como um deus lar augmentará de uma voz o dialogo sereno ou inquieto da minha vida...

O affago da vossa voz deu-me a grande responsabilidade de trabalhar ainda para merecel-o e de transformar este aceno da vossa condescendencia em um gesto mais intenso de benção pelos meus esforços ou pelas minhas audacias.

Muitas são as distincções que podem ennobrecer o espirito e dellas vangloriar-se o homem; nunca as mereci e por isso mesmo passei por ellas, quero dizer, passei através dellas sem inveja, sem terror e sem emoção; esta porém a nenhuma outra se compara, porque era esta a que eu queria, temia e desejava, porque esta é a que nos produz esse alto sentimento de paz, que é o termo de todas as carreiras e é, para mim, o começo da grande tranquillidade final. Merecel-a é como se me dissesse: — Já posso estar seguro de mim mesmo. Nada mereço, mas os que merecem vieram a mim. Quanto errei já me perdoaram. D'ora em diante trabalharei e serei compreendido.— Calculaes acaso o que isso seja para uma alma agreste e rude como é a minha, que viu a luz na aridez do deserto, não viveu sinão sob o clima provinciano e cupido da barbaria e só uma vez, tarde e para mal seu, sentiu o terror panico da grande civilização?

Eu vos digo : quaesquer que sejam as probabilidades de erros calculos humanos, a vossa escolha teve de certo alguma significação; porque nestas coisas não podeis errar. Quizestes significar que esse é tambem o lugar dos humildes e que entre vós não ha desdém pelos timidos; tambem entre as esferas de fogo dos astros poz a natureza intervallos providenciaes e

obscuros « pois que, no dizer do poeta, ¹ a continua perpetuidade da luz seria exauriente e mortal. »

Póde a ignorancia entrar na sciencia como a noite entra na computação dos tempos e entram as illusões e os sonhos de permeio entre os elementos solares da realidade. Entro para o vosso seio para enriquecer-me dos vossos thesouros, para apropriar-me da emanação da vossa sabedoria, para respirar essa atmospherica que eu de longe e de fóra sentia já como se sente á porta das igrejas o halito longiquo das flores que semi-mortas agonizam nos altares. Que piedade humana haverá na terra que me podesse dar essa definição da minha vida, dizer-me (e ella m'ó diz) « como eu devo viver ? e para que eu devo viver ? »

Essa, a minha grande alegria ; mas, — para que occultal-o ? — ella está penetrada pela tristeza de uma grande humilhação, — a que me cabe de succeder áquelle suave e melodioso poeta que foi L. Guimarães Junior. Sinto agora que este lugar deveria ser occupado não por um estudioso nem por um espirito voluntarioso talvez, porém amargo e rude — mas por outro grande poeta como elle foi, por outra grande estrella capaz de salvar do cahos o seu systema agora abysmado na inercia insondavel..... Eu sinto que vou falar do poeta sem a dignidade necessaria, sem a capacidade mesmo de sentil-o e comprehendel-o. Eis a minha primeira e grande humilhação. A grandeza e a sublimidade da poesia está em que ella repelle o concurso arido e esterilizante das coisas ; ella é, toda ella, sonho e emoção ; — emoção e sonho que para os outros desmaiam, esvaem-se, ao primeiro sopro da vida, mas que para o poeta, na agonia do poeta, por um mysterio vehemente e subito, petrificam-se ic-

¹ João Paulo Richter.

madras pela surpresa tempestuosa do rythmo que age como um extranho catachlysmas. Então, taes coisas vans e fluidas coagulam-se em formas enneas e marmoreas. Das paixões que para nós outros são aereas, intangiveis e fugazes, elles, os poetas, fazem cathedraes gothicas, cheias de musica, complicadas e immorredouras. Elles têm o dom de subjugar o gemido ao numero, de subordinar á medida as dores incommensuraveis, de infiltrar a mocidade ou a velhice humana na primavera ou no inverno do mundo e fazer assim coincidir a dor propria com a dor universal. O poeta é pois o grande Interprete, o grande Explicador do mundo, da Illusão inevitavel. Ou nos fale da perfidia do « riso innumeravel » dos mares como Eschylo ou como Schiller nas *Palavras da Illusão* nos diga que a terra jámais pertencerá ao homem de bem — vê-se que para o grande Interprete toda a face do planeta é a expansão superficial de uma perfidia intima e irreductivel que é o elemento primario do universo. O que os distingue, desde Homero, é esse desprezo inexoravel pelo solo que pisam, onde rastejam reptilizantes as miserias do mundo. E são nisso como os homens do mar habituados ás grandes viagens e aos grandes itinerarios. Os homens do mar não olham as ondas que sulcam, sinão o ceu. E' do ceu e não das vagas, é das nuvens e das estrellas que lhes vêm a tempestade ou o porto, a orientação ou a perda.

Eu acredito que sem o dom da poesia ninguem possui o senso esthetico, a faculdade propria de conhecê-la. Sinto e penso como um critico notavel que se pode ter um justo desdém pela sciencia, e que a primeira condição para compreender-se, por exemplo, uma planta seria a de ser-se igualmente uma planta como ella é. ¹ O botanico provavelmente não conhece da planta

¹ Rud. Steiner.

sinão os aspectos vitales que podem não ser os aspectos superiores e essenciaes do ser. Para o botânico a planta vale pouco, porque quasi não tem intelligencia; mas para a planta é possível que a intelligencia seja uma aptidão á desgraça, qualidade inferior e tal que aos olhos della desmoralize o homem. Creio igualmente que a poesia é uma dimensão nova que está talvez occulta á minha perspectiva do mundo. Ser-me-ia preciso sair fóra de mim mesmo, sair fóra da vida como eu a entendo para achar a grande significação do enigma, do mesmo modo que é preciso sair fóra da terra para achar o ponto archimediato donde levantar-a.

Para sentir o segredo de todas essas emoções interiores em todo o relevo e plenitude, para sentir todas essas reacções de forças secretas e intimas, de todo esse turbilhão vital, de todos esses elementos imperceptiveis carregados de mysterioso fluido que convulsionam a alma, inflamam, corroem, clarificam, turbam, explodem fragorosos ou fervem em silencio, seria preciso ter a constituição original e propria desses seres, a mesma densidade ou a mesma fluidez que lhes é propria. Isso, eu vos asseguro, está vedado ao vulgo profano.

Frederico Nietzsche ¹ via na tragedia grega a forma mais vehemente e masculina da poesia classica e a tragedia era o consorcio do elemento epico e do lyrico, da acção e do choro: era a identificação do elemento *apollineo* plastico, sereno e escultural com o elemento *dionysiaco*, feito de dor, de subjectivismo e de musica. Em summa era a conjugação da palavra á musica, a subordinação da narrativa ao rythmo. Suppunha

¹ *Origem da Tragedia.*

assim o philosopho achar a mysteriosa correlação organica que ha entre as emoções e as ondas sanguineas do coração; e pois- que a continuidade da paixão produziria a diastole ininterrupta daquelle musculo, a necessidade de respirar, salvando a vida, creou o instinto do rythmo. O verso é a emoção pontuada, o regimen vital da emoção, sem o qual uma asphyxia passional seria inevitavel. *Numerus regit orbem.*

Em Luiz Guimarães Junior, desde cedo revelou-se esse grande segredo rythmico das emoções; assim foi através da vida, e mesmo a sua morte, episodio apenas de uma grande paixão, não lhe interrompeu a continuidade; e o seu livro, a sua mumia ahi ficou como a desses grandes reis egypcios attestando a morte comprehensivel e ao mesmo tempo conser- vando o mysterio dos hieroglyphos indecifraveis.

Desde a primeira phase da sua vida é o poeta mal com- prendido; as suas desordens, as suas fantasias, primeiros symptomas da grande Doença, affrontam o juizo inexoravel dos animaes domesticos ¹ que julgam e constituem o mundo. Depois, essa tempestade foi serenada ao clarão de um amor immortal como o de Laura e Petrarcha. D'ahi data a sua grande phase. Então foi que o Cahos penetrado pela palavra inicial da edificação, pelo *fiat* divino da Arte, terminou assim a sua semana do Pentateuco, «semana da criação, da tortura e da grande ex- piação terrivel».

E' que não se pode crear sem destruições previas e não ha vida sem o preço e o concurso incessante da morte. Ah! é dolorosa a comprehensão inteira da vida! Cada um de nós vive

¹ Fred. Nietzsche.

dos despojos propios, da dissipação das emoções do outro tempo, do fluido anterior das nossas idades; e tudo é assim no universo; o mesmo planeta que habitamos com todos os seus progressos gigantescos, esse planeta que se arroja comnosco cheio de claridade lunar através dos espaços, como um pelicano monstruoso alimenta-se também das suas proprias arterias, das velhas carbonizações das suas entranhas, violentamente arrancadas agora do seio e do sub-solo de outras eras, profundas e esquecidas!

A maxima significação da vida é que ella é o preço e o triumpho dos grandes exterminios e é a primeira metempsychose de cada *ruina*.

Senhores.

Desculpai si interrompo, ás vezes, o panegyrico do poeta. E' que elle é profundamente suggestivo, nos obriga todo o momento a pensar—é que o seu lyrismo nos arrasta á meditação de todos os problemas. Eu principiei, aliás, confessando que não poderia de todo comprehendel-o e entendel-o—porque uma coisa é sentir o contacto lateral e fugitivo de um ser e outra é abranger-lhe o conteúdo e a esphera illimitada da sua radiação. Para mim, como para muitos, os grandes poetas são como esses astros de ellipse longa que parece não obedecerem ao sol commum e que se não pode contemplar sem um secreto terror e sem assombro. Delles eu conheço a superstição sem conhecer a verdade dos seus longos destinos. E' a minha culpa? Mas dentre vós aquelles que sois poetas (e os maiores dos nossos poetas estão entre vós) bem o compreendeis e sentis.

Diante desse cujo panegyrico incumbistes á minha ignorancia e inexperiencia, sinto uma responsabilidade tremenda e

incoercível que me inhabilita de prégalo-o, de elogial-o, de louval-o. Li-o vinte vezes para penetrar-me das suas paixões, para adquirir o contagio da sua alma enamorada e pura, para penetrar-me das suas ideias e do « seu modo de entender a vida ». ¹ Perscrutei as suas alegrias e os seus desalentos e vi gerar-se da evaporação das suas lagrimas, agora batidas do sol da gloria, o arco-iris cambiante das suas emoções. Tentei comprehendel-o ; senhores, confesso-vos que fiz essa experiencia mortal e saí della edificado. Della trouxe si não a voz, ao menos o echo degénere, o vagido elementar do seu grito adulto e valoroso. Mas ah ! tudo isso é inexprimível e não é com a minha prematura velhice que hei de traduzir a sua grande e harmoniosa mocidade !

Eu renuncio á tarefa de fazer a critica do poeta, hoje que é o dia do seu louvor. Mas posso dizer que tão cedo não soará uma voz como a sua. O segredo dessas modulações d'agora em diante ficará eclipsado até um talvez remoto futuro. Virão outras vozes fortes, mais fortes e indispensaveis ; mas a sua voz, ou uma voz como a sua, nunca mais ! Elle foi o interprete incorruptivel e delicado dessa *camada humana* que precedeu a babel das raças novas ; elle foi um dos ultimos druidas da nossa autochtonia barbara, agora caldeada entre homens adventicios, novos, fulvos e dominadores. Hoje não fazemos nós mais do que passar como eunucos tristemente, sem estirpe e sem posterios. Hoje a civilização é excessiva para nossa insufficiencia, é sabia de mais para a nossa ignorancia, é humana e universal de sobejo para a nossa mesquinhez nacional,

¹ Tolstoi.

é emfim livre em demasia para a nossa servidão habitudinaria ; agora tem ella o aspecto de um dom de Zeus-piter, quando outr'ora era um modesto dom de Prometheu ; agora é ella a dignidade dos Deuses, quando outr'ora nos bastava a dignidade de resistir aos Deuses. O novo clima não poderá jámais recompôr a flora antiga ; flores alpinas succederão ao lyrio do valle ; a disciplina branca extinguirá os nossos hystericismos morenos ; a atmospherá nova e ascetica repellirá as antigas fragrancias eroticas e o novo diluvio abafará nos derradeiros cimos as vozes altas e ultimas dos ultimos naufragos.

Aqui, teria eu concluido, si concluísse pensando em mim. A verdade, porém, e verdade doce e agradável é que poucos e raros d'entre vós estarão penetrados do meu desanimo. Acreditar no futuro é uma grande coisa, a melhor da vida e talvez mesmo o verdadeiro signal della. O grande poeta olympico deste seculo, o poeta absoluto, Volfrango Goethe, diante do espectáculo das ociedade revolucionaria, no fim do poema idyllico de Hermano e Dorothea diz pela boca de um exul estas palavras sublimes de serenidade : « — Sê feliz, tu ; eu, vou-me embora. Hoje a terra toda estremece e principia a desagregar-se. As velhas leis do povo caem em ruina ; as antigas herdades passam a novos senhores ; o amigo se parte do amigo e o amor do outro amor... Já se disse uma vez e agora dir-se-á com razão maior que o homem é um estrangeiro no seu solo natal ; a nossa terra nos evita ; as riquezas deslocam-se e derivam errantes ; das casas e das igrejas os ouros e as pratas que guardavam as fórmãs antigas e santas fundem-se na inercia igualitaria das barras ; a estructura já consummada do universo parece voltar ao cahos para desse sonho nocturno e agitado sair e despertar numa grande e nova resurreição »....

« Sê immovel, diz ainda o poeta, sê immovel e sereno dentro da eversão universal. O menor movimento de cada um augmentaria e propagaria a catastrophe. Aquelle porém que se conservar tranquillo poderá na solidão e de si proprio tirar um mundo.»

Por isso, eu digo : — a vida, talvez o progresso, é o preço e o triumpho de todos os exterminios e é a primeira metempsychose de cada ruina. Aproveitemos o tempo para celebrar os nossos demiurgos e compor-lhes as ultimas feições na immortalidade. Não sei; não me julgo bastante convencido de que a civilização seja «a obra das aristocracias intellectuaes», e seja a flôr da laboriosa evolução do patriciado humano. Não o será, ao menos, por toda a parte, nem em todos os tempos. Penso todavia que a litteratura tem uma grande significação humana e civil, e que o prestigio da idealidade pura basta para aniquillar todos os desdens dos profissionaes, todas as ironias infecundas dos homens praticos. A nós cabe defendel-a desses ultrages vulgares e preparar-lhe um asylo no meio de todas as convulsões da vida. Sinão um asylo, ao menos um tumulto digno.

DISCURSO DO SR. JOSÉ VERISSIMO

Sr. João Ribeiro

Elegendo-vos, não cuidou a Academia fazer-vos favor tão grande que por elle se apagasse em vós o pessimismo. E si não o houvesseis definido como «aquella parte da alma, que é a substancia dolorosa e covarde do nosso ser» talvez eu lastimasse a vossa eleição. No sentido commum o pessimismo é talvez a fonte de todo o progresso, sinão de todo o bem. E' a

expressão de um descontentamento que procura melhor. Cultivemol-o, pois, como a flôr de um fructo substancial. E, si fosse como dizeis, a Academia teria o pezar de vos haver privado de um dos encantos do vosso espirito.

Mas, por bem nosso, essa feição conservais inteira. O vosso bello discurso o mostra, e nós esperamos que o nosso commercio não ha de alteral-a. No que chamastes o vosso pessimismo ha uma porção de coisas que a Academia Brasileira — sem embargo do nome malsinado — aprecia e espera apreciar sempre. Com o espirito de paradoxo e de opposição, que realça o vosso talento e dá-lhe um feitio especial e vosso, casa-se bem em vós, não sei si não diga a amargura, o anhelô, o desejo esthetico de civilizações de arte, de commodidade e de gozo, que só ephemeramente pudestes contemplar, sem talvez haverdes podido penetral-as e viver-as. E' esta mesma descorrelação — que, ai de nós! não é um privilegio vosso — entre as vossas ambições, os vossos sentimentos e o nosso meio, que affeioou o vosso espirito, dando-lhe os traços que nos seduziram em vós.

Deixando a vossa terra natal por esta Meca dos nortistas, já acaso os trazieis. Ella não fez sinão accentual-as. Com o desejo de aprender e a ambição de gloria literaria que só esta capital, lá imaginamos, pôde dar, trazieis tambem a illusão de uma grande cidade, culta, civilizada e bella. A fallacia da illusão augmentou o contraste, e serviu admiravelmente ao desenvolvimento das qualidades originaes de vosso espirito. A « Côte » não vos deslumbrou sufficientemente, a vós pobre matuto de uma provincia ignorada, para absorver-vos e accommodar-vos a seu geito. Do agreste rebelde dos vossos sertões ficou-vos alguma coisa com que defendestes até hoje a vossa originalidade.

E essa, crêde-o bem, a Academia não quizera contribuir para tirar-vos ou siquer diminuil-a.

Na vossa bagagem de estudante pobre, como é aliás commun na dos peregrinos como vós, vinham tambem alguns versos, que pretendieis intitular *Idillios Modernos*. Não é vulgar que os titulos dos livros de versos signifiquem alguma coisa. O do vosso, aliás com elle nunca publicado, desmentia essa regra. Havia de facto nelles, com o lyrismo proprio das conversas de amor, uma nota da nova poesia, com a sua exagerada, e, permiti-me dizer, viciosa preocupação dominadora da forma, e os seus ideaes, humanos, scientificos, sociaes, historicos. São bem indicativos dos dois sentimentos os versos do *Esboço* e da *Creação*.

Apresentou-vos ao Rio de Janeiro um vosso comprovinciano já illustre e nosso confrade estimado. Não sois vós sem duvida o unico que lhe deve esta benevolencia, comvosco de todo o ponto merecida. Os vossos versos de *Dias de Sol* e da *Avena e Cythara*, puzeram-vos em contacto com os poetas vossos emulos e com o mundo literario fluminense. Isto acontecia por 1883 e 1884, vós haveis aqui aportado em 1881 na bella idade de vinte annos. Dez annos antes surgira um movimento literario que tendo talvez origem no Norte, aqui se concentrou e desenvolveu, produzindo uma nova geração de poetas, de escriptores, de scientists, como outra se não vira desde o nosso Romantismo. Estava-se já no fim d'elle, á vossa chegada. Uma grande preocupação social, a emancipação dos escravos, dominava com justo motivo todos os espiritos. As letras e a poesia, por honra sua, puzeram-se ao serviço de uma causa da qual se póde falar com prazer na Academia. Alguns dos que a venceram são nossos confrades.

Não devieis voltar á poesia — e, ainda mal! para, ao que parece, abandonal-a sem motivo e ingratamente — sinão em 1889, com o vosso pequeno livro de *Versos*, no qual fizestes, com ciosa escolha, a recolta da vossa producção poetica de dez annos. Esses versos não se parecem com nenhuns da época. Não direi si são superiores ou inferiores aos outros. São diferentes, é o que verifico. Mais de um poema delles revelava preocupações philosophicas, o gosto das idealizações historicas, o sentimento da natureza no seu aspecto, por assim dizer, psychologico. Essa poesia não tinha os arrebatamentos, os enthusiasmos, os excessos então em moda. Era medida e fria. Não vos tinheis ainda então posto em contacto com a Germania; mas, salvo o sensualismo que é porventura a mesma alma da arte, nada talvez traia nellas o tropical, latino-americano. Tiro ao *Museon* como intitulastes uma serie de sonetos — que vieram alguns annos antes dos de Heredia, esta amostra:

Do mar e das espumas tu nasceste,
O' forma ideal de todas as bellezas,
Inda teu corpo, mal vestindo-o, veste
Um collar de maritimas turquezas.

Milhares d'annos ha que appareceste,
Outros milhares d'almas sempre accezas
No teu amor, lá vão seguindo prezas
Da tua garra olympica e celeste

Beijo-te a boca e sigo embevecido
Ondas sobre ondas, pelo mar afora,
Louco, arrastado qual os mais têm sido,

Ora te vendo as formas núas, óra
Toda núa a sentir-te em meu ouvido
Do eterno som dos beijos meus sonora.

A vossa vida fôra como a de outros que iguaes ambições desenraizam do torrão natal e que devem tirar da propria seiva a vida que precisam viver: o ensino, o jornalismo ntais ou menos literario, até que viesse o emprego publico como o ideal da existencia garantida. O ensino vos levou ao estudo grammatical da nossa lingua e este á philologia, porque vós sois, ou fostes ao menos, um dos nossos philologos.

Por essa época, meados do decenio de oitenta, os estudos da grammatica portugueza aqui entraram a revelar a influencia da applicação do darwinismo á linguistica, feita na Allemanha muitos annos antes. Os nossos filhos viram assustados derrubada como infame toda uma nomenclatura grammatical a que, mesmo antes de estudarem grammatica, já se haviam habituado. Nós achamo-nos ignorando por completo aquella disciplina, que cheia de denominações biologicas e termos gregos de ardua pronuncia, se nos affigurava coisa absolutamente nova, difficil e impenetravel. Os programmas officiaes sancionaram essa sciencia de palavras e os grammaticos, para não falharem ao proverbio, discutiram com tanto mais convicção e prazer que não se entendiam, nem eram entendidos. Não creio que a lingua haja lucrado com essa moda. Ella, felizmente, como todas as modas, passou, ou pelo menos fez-se modesta e obscura. Ninguem mais crê que a lingua seja um organismo e que a nomenclatura biologica e philologica concorra para a gente falar e escrever melhor, que é no fim de contas o objecto da grammatica.

Vós tivestes a vossa parte nesse movimento, cuja utilidade não pretendo de todo negar, apezar do que teve de inconsiderado e irreflexivo. De todos nós sois talvez o nome mais popular no Brazil. O' eu sei que a popularidade vos repugna, e conheço o vosso pensamento sobre ella. Mas não ha furtar-vos a ella. Um

milhão de brasileiros conhecem o vosso nome, tanto o levaram a todos os recantos do paiz, ao caboclinho do Amazonas, como ao teuto-brazileiro do Rio Grande, ao caipira de Mato Grosso, como ao tabaréo de Pernambuco, as vossas grammaticas. Nós invejamos a vossa gloria. Partilhae-a comnosco pondo nas novas edições dellás — pois continuam sempre a ter novas — a menção: da Academia Brasileira.

Eu não sei avaliar o merecimento, a perfeição das vossas grammaticas, mas seria impossivel desconhecer nellas uma qualidade pedagogica relevante, a clareza. Vós sois o mais claro talvez dos nossos grammaticos, porque achastes o meio de escrever bem e elegantemente fazendo grammaticas.

Puzestes assim á prova uma das vossas qualidades, a clareza, qualidade que é, o sabeis, « a probidade do escriptor ». Qualquer que seja o nosso juizo do vosso espirito, do vosso pensamento, das vossas ideias, do vosso temperamento literario não pode haver duvida sobre esta qualidade do vosso estylo. Ella se revela em todos os vossos escriptos, *Estudos philologicos*, *Memoria sobre a instrucção publica*, *These de concurso*, *Historia antiga*, *Grammaticas*, *Diccionario Grammatical*, contos, folhetins, chronicas, artigos de jornaes ou de revistas, criticas de arte, impressões de viagem.

Si a nossa eleição vos satisfez como aprouve á vossa cortezia dizer-nos, a Academia não quer outro premio que o de não a deixardes sem emprego em obras numerosas e boas, como ella e a nossa literatura esperam de vós. Ha em vós como artista um insatisfeito. E não me arreceo tambem de dizer, um inconstante — por tal fórma é este defeito, e por causas sabidas — vulgar no nosso mundosinho literario. Eu creio que o poeta dos *Versos* e o contador de *S. Bohemundo*, que como um homem da

Renascença, é também um erudito e um pintor, deve á literatura brasileira as creações que me parecem em programma na feição artistica do seu espirito. Quem nos dera que a nossa companhia vos fosse effectivamente uma animação para tental-as.

A poesia, que tão cedo abandonastes, não a deixou jámais o escriptor a quem succedeis. Não sei se este não é o signal dos verdadeiros poetas, a impossibilidade de repudiar a poesia. Luiz Guimarães Junior foi neste sentido um verdadeiro poeta. Elle poderia, talvez, dividir a sua vida, em annos de prosa e annos de poesia. Estes, os ultimos também da sua existencia, foram porém mais numerosos, mais illustres e, pela qualidade da producção ao menos, mais fecundos. A sua prosa, mesmo, inspirou-a a musa ligeira do folhetim alado, leve, literario, artistico, a poesia graciosa do conto alegre, brincalhão, ingenuo. Quando elle publicou, no periodo literario referido, a sua lyrica com o titulo de *Sonetos e Rimas* já dera a lume quatro volumes de historietas e contos, mas são os seus versos de uma tão fina e voluptuosa sensibilidade, que o fizeram admirado e querido. E foi certamente o poeta, acabrunhado pelo maximo infortunio que possa sobrevir a um escriptor, que os formadores da Academia quizeram glorificar nelle quando o foram, longe da patria, chamar para seu seio. Não é, porém, esse unico livro de versos toda a sua producção poetica. E o que elle deixou publicado dispersamente em periodicos diversos ou ineditos, daria, parece, outros volumes. Não ha muitos dias um dos seus ultimos poemas publicado num jornal desta cidade nos commovia a todos.

Luiz Guimarães Junior é da geração illustre de Ferreira de Menezes, Joaquim Nabuco, Visconde de Taunay, Joaquim Serra, Franklin Tavora, Castro Alves, Sylvio Roméro, Rozendo Muniz.

Elle teria talvez um lugar assignalado na *Vida da Bohemia* de Mürger, si S. Paulo e o Recife fossem o *quartier latin*. Estava-se ainda então nos restos do romantismo e do romanesco literario. Apezar do exemplo formidavel de Hugo em contrario, não se comprehendia que um poeta fosse um individuo sobrio e repor-tado. Ainda os haverá que assim pensem. Mas passam breve esses bellos annos. A vida, mesmo para os poetas, têm exigencias duras. A formatura põe um ponto final ás jovialidades da mocidade, dispersa os companheiros, separa os amigos. Ella abriu para Luiz Guimarães primeiro o jornalismo literario, depois a diplomacia; elle encontrava nella antecessores illustres, Magalhães, Porto Alegre, José Maria do Amaral. A sua vida diplomatica não foi, certo, muito fecunda em notas, mas os seus versos sobram-nos como compensação. Luiz Guimarães Junior alliou excellentemente a correcção um pouco arida dos parnasianos com o nosso exuberante e voluptuoso lyrisimo. Foi, como a maior parte dos nossos poetas, um amoroso sentimental, com as finuras e as delicadezas que o cultivo dos salões diplomaticos haveriam imposto ao seu temperamento. E' um subjectivo, como todo o verdadeiro lyrico. Possue muito em relevo as qualidades á nossa poesia inherentes, herdadas da portugueza umas, affeioadas por nós outras: a saudade, a nostalgia, a volupia, a blandicia, o carinho na lubricidade do amor. E, com isto, uma sensibilidade morbida, mas talvez de superficie, de manifestações intensas, mas fugaces.

Perdoai-me, senhores, a distracção; ia esquecendo que não devo sinão dizer todo o bem que pensamos do nosso illustre e querido confrade. Volto a lembral-o na sua gloria, pedindo-vos recordeis este soneto, que é um dos mais bellos do seu livro e testemunho dos meus conceitos; intitula-se *Paulo e Virginia*:

Fomos um dia alegres, estouvados,
Ao clarão matinal do sol nascente
Colher as flores do vergel ridente
E as primeiras auroras dos cercados.

Venturosos, risonhos namorados,
Cada qual mais feliz e mais contente,
Esquecemos a terra inteiramente:
Doidos de amor, de gozo embriagados.

Seus cabellos — enquanto ella corria,
Voavam, loiros como a luz, dispersos!
Eu a chamava e ella me fugia.

Por fim voltámos em prazer immersos:
E das venturas todas desse dia...
Resta a saudade que inspirou meus versos.

Para entender estes versos, para compreender as sensações que delles resumbram, os sentimentos que dellas ficaram, as impressões que deixaram na alma do poeta, não ha mister, creio ingenuamente ao menos, termos, como dizeis senhor, a constituição original desses seres chamados poetas. Basta sermos homens e sermos humanos. E esta nossa capacidade geral de compreensão, podemos estendel-a a todos os versos de Luiz Guimarães Junior. A sua poesia, como toda a grande poesia, desde Homero até Tennysson, é clara, simples, natural.

A poesia — como toda a forma da Arte — não é o que della quer fazer um pensamento subtil, tentador, mas — e sinto estar em desaccordo comvosco — falso. A arte não é uma invenção pessoal. E' o producto de uma emoção individual sim, mas social e humana. E' tão espontanea e natural como a lin-

guagem. E' uma outra linguagem; uma fórma de expressão tão legitima e tão clara como esta. O fim social da linguagem é a expressão, a transmissão, a comunicação de sentimentos. Não é outro o fim da Arte. Ora, ella não realizaria este fim si não fosse entendida sinão por uma escolha de espiritos. E, vêde a fallacia e o perigo de semelhante criterio, considerando nisso a sua superioridade, a Arte, o artista, procuraria propositalmente que menor fosse o numero dos que o comprehendessem, rebuscando nesse afan doentio com a obscuridade da ideia a obscuridade da sua expressão. E já alguns vão, por mal delles e nosso, nessa direcção enganosa e errada.

Façamos, pois, — e não podendo fazel-a admiremol-a — sómente a Arte humana, a Arte de homens para homens, não a Arte de artistas para artistas, de esthetas para esthetas, arte egoista e má, mas a Arte do mesmo profano vulgo comprehendida. A arte não é, não póde ser, um brinco e um divertimento, um simples passatempo de desoccupados. Ella mereceria o desprezo dos que taes artistas chamam o burguez, si não fosse sinão isso. Producto das faculdades emotivas da humanidade, é um orgão dos seus sentimentos, uma expressão da sua vida. O mais individual dos artistas ainda é um resultado das reacções sociaes. Toda a historia da Arte, toda a historia do espirito humano, o sabeis melhor que eu, vós que sois mestre de historia, contesta e desmente essa theoria tão contraria ao vosso claro espirito. Os grandes artistas de todos os tempos, os grandes poetas da humanidade, só são obscuros para os commentadores. Nós o vulgo os comprehendemos á primeira leitura, apezar das diferenças dos tempos e dos meios. E' que elles souberam, a muitos seculos de nós, sentir as emoções que nós ainda hoje experimentamos e, — o que nós não sabemos

fazer — souberam exprimir-as excellentemente, dando-nos a nós a funda consciencia dos nossos proprios sentimentos, e emprestando-nos a sua lingua divina para exprimir-os. Elles são, sem nenhuma amphibologia de oraculos, os interpretes de nós mesmos, os idealizadores do passado, os mestres do sentimento, os vaticinadores do futuro. E não me arreceo de dizer, uma arte que só os iniciados penetrassem, seria como uma Industria secreta só por uma minoria de iniciados exercivel. O seu desaparecimento não prejudicaria o mundo. Imaginais vós um mundo sem Arte, um mundo sem poesia? Si não, ella é mais alguma coisa que a preocupação de versejadores inuteis. Mas vós sabeis e entendeis como eu que ella faz parte da nossa atmospherá espirital e que sem ella nós suffocaríamos. Acabais de dizel-o, a literatura tem uma grande significação humana e civil. Della excluirieis, por acaso, a poesia? Não; por isso pudestes falar tão bem de Luiz Guimarães Junior, poeta simples, natural e facil, que forneceu á nossa nostalgia, á nossa saudade, ao nosso amor paterno, á nossa affeição conjugal, ao nosso amor da mulher e da vida a traducção intelligente e sentida dos seus versos.

Tendes talvez razão em dizer que, como elle, tão cedo não teremos outro. Os que lhe são comparaveis, são seus contemporaneos e aprenderam a dizer as mesmas coisas que elle e pela mesma fórma. São o producto da mesma sociedade, que hoje vos parece conturbada pela invasão de novas gentes. Reconhecendo-o, previno-vos, não estais inteiramente naquella theoria de uma especie de arte hieratica e mysteriosa, só dos iniciados comprehensivel, que parecieis aceitar. Não cuideis que eu vá chamar-vos de incoherente. Penso comprehender todas as nuanças da vossa ideia e procuro conciliar-as. As theorias

esthéticas são por sua mesma natureza sinão vagas, muito matizadas.

E' certo, e não o lastimo, a nossa sociedade entra em um novo periodo, ou, como dizeis, em um novo clima incapaz de recompor a flora antiga. Fará outra, consolemo-nos; e nas palmeiras dessa cantará de novo o sabiá do poeta. Será talvez outra canção; mas, quem nos diz que não será tão melodiosa como a primeira? Haverá também quem a ouça e quem a repita. E' possível mesmo que ella seja mais bella ou que a achem mais bella. Outras gentes terão ajuntado á nossa melodia nativa a sua harmonia racional; ás nossas emoções inconsideradas, a sua reflexão ponderada; á nossa voluptuosidade desenvolta a sua sensualidade composta, ao nosso sentimento a sua razão. O perigo, si perigo é, seria que então não nos pudessem ler mais a nós. Quem nos diz que em um paiz ameaçado — e ainda bem — dessa invasão pacífica e proveitosa — as academias não poderiam recuperar essa razão de ser que muitos lhe negam? Caberia então á Academia Brasileira, que com tanta satisfação vos recebe hoje — salvaguardar a lingua em que cantou Luiz Guimarães Junior. Vós, grammatico e artista nos ajudarieis nisso. E então veríamos si ha numa nacionalidade algum órgão mais essencial que a literatura, que é a expressão, superior ás contingencias da politica e da historia, da propria nacionalidade.
